

Banqueiros apostam no ajuste

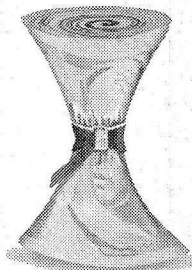
Ruy Baron

Estudo do Lloyds Bank indica que medidas, agora, têm mais chances

Previsão é de que maior impacto da retração vai ocorrer em 1999

São Paulo - Um estudo desenvolvido pelo Lloyds Bank mostra que o ajuste fiscal que está sendo proposto pelo Governo tem mais chance de dar certo agora do que no final do ano passado, depois da crise asiática, principalmente porque "a disposição do Governo federal para realizar o ajuste é perceptível".

Segundo o estudo do Lloyds Bank "muito provavelmente o



AJUSTE

ajuste mais difícil será o do primeiro ano, pelas maiores dificuldades de implementação das medidas e pela contração do nível de atividade que se espera para 99, com impacto negativo sobre as receitas fiscais".

O documento também argumenta que as eventuais dúvidas do mercado em relação ao sucesso do plano devem ser superadas ao longo do tempo, na medida em que os progressos e resultados sejam divulgados. "E nesse sentido, o aporte provável de recursos do FMI (e Banco Mundial, Interamericano de Desenvolvimento e países desenvolvidos) que deve variar entre US\$ 30 e 50 bilhões, será muito bem-vindo e útil para manter os mercados tranquilos", salientou o estudo.

MEDIDAS AUXILIARES

■ **Reforma administrativa** - Que não tinha sido aprovada em 97, está para ser regulamentada e implementada;

■ **Reforma previdenciária** - Apesar de não ser a ideal, deve ter seus últimos três pontos aprovados ainda este ano, com resultados crescentes ao longo do tempo;

■ **Ausência de eleições** - Ao contrário de 97, que precedia a um ano eleitoral muito importante, não existem eleições relevantes nos próximos anos;

■ **Supervisão do FMI** - Desta vez, o ajuste proposto

deverá ter a supervisão do FMI e outros organismos internacionais, o que aumenta a pressão para a obtenção das metas traçadas;

■ **Mercado** - O susto com a mais recente turbulência sugere que não se pode desconsiderar as demandas dos mercados pela melhora nos fundamentos econômicos do País;

■ **Governabilidade** - A não viabilização do ajuste fiscal pode tornar muito mais difícil a governabilidade. Para FHC é menos ruim perder popularidade em 99 do que ter quatro anos de dificuldades.

IMPACTOS DO AJUSTE

■ **Déficit público nominal** - Cede dos prováveis 8% do PIB em 98 para algo próximo a 4,0%/4,5% em 99;

■ **Inflação continua sob controle** - Muito próxima à taxa deste ano, ao redor de zero, especialmente com a provável desaceleração econômica;

■ **Juros** - Queda tem que ser a mais rápida possível, na medida em que a percepção do mercado seja positiva em relação ao sucesso das propostas (média dos juros próxima a 18,0/19,0% contra os esperados 26,0%/27,0% este ano;

■ **Balança comercial e contas correntes** - Números melhoraram expressivamente com a queda da atividade econômica e a desvalorização cambial perto de 8 pontos acima da inflação interna. Balança comercial com déficit de até US\$ 1,5 bilhão (US\$ 5,8 bilhões aproximadamente em 98) e contas correntes (US\$ 25 bilhões e US\$ 30 bilhões respectivamente;

■ **Fluxo de capitais** - O Brasil tem uma saída potencial de recursos da ordem de US\$ 60 bilhões (contas correntes, mais vencimentos de eurobonds,

bradies, 63 caipira, pagamento de financiamentos de importações e etc). Essa saída deverá ser coberta com privatizações, outros investimentos diretos, rolagens de parte dos vencimentos, novas captações, à medida que a situação se acalme, etc;

■ **Reservas externas** - Podem manter-se estáveis ou levemente ascensionais, se o ajuste for bem aceito, ao redor de US\$ 45 a 50 bilhões;

■ **Atividade econômica** - Negativamente afetada, especialmente nos primei-

ros meses do próximo ano. Crescimento negativo do PIB de até 1% ante estimados em 0,7% em 98. Taxa de desemprego: pode chegar a dois dígitos (10,0/11,0%) no ano que vem ante taxa ao redor de 7,5/8,0% este ano;

■ **Observação** - O sucesso do ajuste fiscal pode reduzir a popularidade do presidente FHC nos momentos mais difíceis dos efeitos do ajuste. A recuperação poderá vir ao longo do tempo, quando a economia voltar a crescer (nesse cenário);